



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA - UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

JAIR LUID OLIVEIRA DOS SANTOS

**POR UMA ALEGRIA COMO MÁQUINA DE GUERRA: NAVEGAÇÕES
ESTUDANTIS NA UNILAB**

**REDENÇÃO - CE
2025**

JAIR LUID OLIVEIRA DOS SANTOS

**POR UMA ALEGRIA COMO MÁQUINA DE GUERRA: NAVEGAÇÕES
ESTUDANTIS NA UNILAB**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Bacharelado em
Humanidades na Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira (Unilab), como requisito
parcial para obtenção do título de
Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Profa. Dra. Gisele Soares
Gallicchio

**REDENÇÃO-CE
2025**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Santos, Jair Luid Oliveira Dos.

S696p

Por uma aledria como máquina de guerra: navegações estudantis na
Unilab / Jair Luid Oliveira Dos Santos. - Redenção, 2025.
42f: il.

Monografia - Curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de
Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira, Redenção, 2025.

Orientador: Profa. Dra. Gisele Soares Gallicchio.

1. Estudantes universitários. 2. Afeto. 3. Cartografia. 4.
Unilab. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 378.44

JAIR LUID OLIVEIRA DOS SANTOS

**POR UMA ALEGRIA COMO MÁQUINA DE GUERRA: NAVEGAÇÕES
ESTUDANTIS NA UNILAB**

Trabalho de Conclusão de Curso, na modalidade monografia, apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), campus das Auroras/CE, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Data da aprovação: 02/12/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Gisele Soares Gallicchio (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Dr. Rafael Antunes Almeida

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab

Prof. Me. Francisco Harley de Oliveira Almeida

Escola Estadual de Educação Profissional Eusébio de Queiroz

RESUMO

Esta pesquisa realiza uma cartografia dos afetos na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), no Ceará, investigando como a produção de alegria opera como máquina de guerra frente aos processos segregativos da subjetividade capitalística. A partir dos referenciais de Spinoza, Deleuze e Guattari, adota-se a ciência menor como modo de pensamento e um caminho cartográfico para analisar os agenciamentos estudantis através dos personagens conceituais do Estudante-Náufrago e do Estudante-Navegante. A cartografia mapeia as dinâmicas afetivas do cotidiano universitário, marcando correntes que canalizam para a tristeza e frentes oceânicas onde emergem máquinas de guerra da alegria como potência compositiva. Evidencia-se que a navegação ética sustenta-se através de operadores como o humor, a escuta do dissenso e a contação de histórias, constituindo práticas de invenção de um espaço liso aberto à diferença. A pesquisa propõe a potência política dos afetos alegres como horizonte de transformação na universidade contemporânea.

Palavras chaves: Estudantes universitários, Afeto, Cartografia, Unilab.

ABSTRACT

This research undertakes a cartography of affects at the Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), in Ceará, investigating how the production of joy operates as a war machine against the segregative processes of capitalistic subjectivity. Drawing on the frameworks of Spinoza, Deleuze, and Guattari, it adopts minor science as a mode of thought and a cartographic approach to analyze student assemblages through the conceptual personae of the Shipwrecked-Student and the Navigator-Student. The cartography maps the affective dynamics of university daily life, tracing currents that channel towards sadness and oceanic fronts where war machines of joy emerge as a compositive potency. It demonstrates that ethical navigation is sustained through operators such as humor, listening to dissent, and storytelling, constituting practices that invent a smooth space open to difference. The research proposes the political potency of joyful affects as a horizon for transformation in the contemporary university.

Keywords: University Students, Affect, Cartography, Unilab.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 METODOLOGIA.....	10
2.1 A ciência menor e a cartografia.....	10
2.2 Personagem conceitual como operador do nomadismo.....	13
2.3 Procedimentos de navegação.....	14
3 ESPINOSA, DELEUZE E A ALEGRIA DAS MÁQUINAS DE GUERRA.....	16
3.1 A Alegria como aumento de potência do corpo estudantil.....	16
3.2 A alegria da máquina de guerra.....	18
4 CARTAS DE UM ESTUDANTE.....	21
4.1 Aos que se falam entre os mundos.....	21
4.2 Às nossas multidões solitárias.....	28
5 DIAGRAMANDO AS FORÇAS.....	30
5.1 Cartografia das correntes afetivas.....	30
5.2 As frentes oceânicas e os turbilhões afetivos.....	34
5.3 Os Movimentos de navegação e naufrágio.....	36
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS(?).....	38
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Iniciamos nosso percurso de apresentação do campo de pesquisa em uma residência estudantil localizada em frente à Praça da Igreja Matriz, na cidade de Redenção, no Ceará. Para esta apresentação, nos relacionaremos com um personagem: Um Estudante. A Igreja Matriz é o prédio mais imponente à nossa vista: é grande, carrega vitrais e belas esculturas dos santos. À sua esquerda, no centro da praça, vemos uma estátua dourada do busto da princesa Isabel, nomeada de “A Redentora”.

Se a estátua tivesse pernas e pudesse caminhar alguns passos à frente pela praça, encontraria outra estátua. Essa não é dourada como ela, nem está exposta no centro da praça; está na ponta, quase na rua. É um homem preto, sem camisa, sem calçados, com correntes amarradas nos braços, calçola branca e rosto triste¹. Não tem placa que identifique seu nome ou história. Sabemos, porém, que é Vicente Mulato, último negro vendido na cidade (Silva Junior, 2023, p. 110).

Nós atravessamos a praça e descemos pela Rua Padre Barros e entramos na Rua Rodolfo Teófilo. Olhando para frente, vemos a Praça do Obelisco, cujo centro é ocupado pelo monumento que a nomeia. Nele, uma placa glorifica a “Invicta Sociedade Libertadora Cearense”, que teria dado aos negros sua liberdade, assim como a Princesa, com sua grande benevolência. Pouco importa se os vemos aos montes nas favelas, nos montes que rodeiam a cidade, ou se são o rosto que faz o trabalho pesado. Os muros carregam grafite de correntes quebradas; são livres.

Descemos a rua, olhamos à esquerda e vemos um enorme alto. Cem degraus, e chegaríamos na Igreja de Santa Rita, com uma estátua da Santa do lado e Jesus na frente, crucificado. Se subíssemos mais cinco vezes aquilo, daríamos com uma estátua da Virgem; com mais algumas, seu filho nos lembraria novamente de seu sacrifício por nossos pecados, seja lá quais forem. Aparentemente, todas as divindades são brancas nessa cidade. Mas não pensemos muito nisso: sigamos descendo a rua.

Chegamos ao Campus da Liberdade, da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). A Universidade recebe estudantes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPS) e do Timor-Leste². Na frente dele, vemos um enorme monumento chamado Negra Nua. É feito de azulejos sobre uma parede. Ilustra uma mulher

¹A análise do simbolismo dos monumentos da cidade nesse percurso inicial está ancorada em Silva Junior (2023) – especialmente no que diz respeito ao monumento Negra Nua, à estátua de Vicente Mulato e ao Obelisco – e em Mourão (2016), assim como em observação pessoal.

² Para saber mais sobre o contexto de criação da Universidade, consultar Gomes (2013).

negra de cabelos curtos e crespos, sem roupas, ajoelhada com as mãos erguidas ao céu, como quem agradece pela liberdade a Deus e aos seus benfeitores; ela mesma não tem muito a ver com a própria liberdade. Ela está ajoelhada na direção do Museu Senzala Negro Liberto, dentro de um engenho, que guarda a memória da tortura aos negros com requintes de crueldade.

Entramos no transporte universitário. Seguimos pela Avenida da Abolição até desembocar na CE-060. Estamos saindo da cidade; olhamos para trás e vemos que o letreiro do lugar escreve: “A liberdade nasceu aqui”. Na esquerda do letreiro, vemos o Campus das Auroras, mas o ônibus segue pela estrada. Passamos por muitas igrejas evangélicas, até chegarmos a uma praça com uma Bíblia no meio. Chegamos ao nosso destino: Campus dos Palmares.

Do Campus dos Palmares, onde desembarcamos, é possível olhar para trás e compreender que este percurso foi mais do que um trajeto geográfico. Tratámo-lo como a expressão espacial de uma economia subjetiva. Ele materializa uma sucessão de encontros com uma pedagogia da tristeza, uma arquitetura afetiva que inscreve no espaço narrativas de sujeição, redenção vertical e liberdade concedida. Essa matriz colonial, longe de ser um arquivo histórico superado, atualiza-se nas dinâmicas universitárias através de compartimentações identitárias, marcadas por afetos tristes de ódio, medo e atitudes de culpabilização, que dificultam a composição de um corpo estudantil comum. Racismos e xenofobias cotidianas (Silva, 2024), LGBTfobias (Carvalho, 2023) e machismos, e toda taxação que se possa dar às violências herdadas de nossa história, operam como linhas de fractura que separam os corpos, impedindo que afetos alegres circulem entre os agenciamentos estudantis.

Esta lógica segregadora encontra ressonância e é potencializada pela forma capitalística de subjetivação (Guattari; Rolnik, 1996). Aqui, a herança colonial é capturada e recombina com imperativos de produtividade acadêmica, gestão empresarial de si e competição generalizada. A superprodutividade exaustiva e a prisão nos fluxos acadêmicos, na esteira do que se convencionou chamar de sociedade do cansaço (Han, 2024), paralisam a potência coletiva: não sobra tempo, energia ou atenção para cultivar encontros que poderiam compor novos agenciamentos. O cansaço gerencial e a fragmentação identitária conjugam-se, assim, para reduzir as possibilidades de invenção.

Para intervir nesse campo de forças, construímos personagens conceituais como operadores cartográficos, modulações da potência de agir que nos permitem mapear as dinâmicas afetivas deste território. Contra essa dupla captura, nossa cartografia buscará

acompanhar como a alegria pode manter os agenciamentos em movimento, abrindo linhas de fuga.

O personagem conceitual do Estudante-Náufrago encarna a tristeza que se inscreve nos corpos, ecoando a pedagogia dos monumentos³. Na Unilab, a colonialidade do poder, como sistema de saber-poder mundial de herança colonial que hierarquiza os corpos a partir de categorias raciais, classistas e de gênero nos sistemas sociais (Quijano, 2005), se atualiza como incapacidade de envolvimento⁴: as identidades, em vez de se abrirem ao encontro, fecham-se em compartimentações antagônicas que impedem a composição de corpos coletivos e a construção de agenciamentos estudantis potentes. Essa compartimentação reproduz o modelo segregativo da economia subjetiva capitalística, que opera por quadros de referência imaginários e hierarquizados (Guattari; Rolnik, 1996, p. 41). Como figura metodológica, o Náufrago corporifica a potência de agir bloqueada, que, impossibilitada de criar vínculos, volta-se contra si mesma no ressentimento e na paralisia.

Como seu duplo necessário, o personagem conceitual do Estudante-Navegante emerge como operador de análise das linhas de fuga. Também atravessado pela tristeza, ele encontra na alegria não um mero antídoto, mas uma arma de composição. Enquanto o Náufrago personifica a tristeza dos monumentos, o Navegante tece contra-monumentos afetivos que nossa cartografia buscará registrar. Como ferramenta cartográfica, seu navegar é uma prática de envolvimento ativo que mapeia e cria os pontos onde a alegria brota como erva daninha, criando zonas de potencialização onde as diferenças não se anulam, mas se compõem. Ainda navegamos, ainda lutamos, ainda festejamos: é este movimento que nossa cartografia seguirá.

Assim se configura o campo da Unilab e das cidades-sede como um campo de encruzilhada afetiva, um território existencial onde forças antagônicas se encontram e se recompõem constantemente. É um espaço de atravessamentos que ampliam ou reduzem a potência de vida, oscilando entre os afetos tristes e as alegrias insurgentes das máquinas de guerra. Um novelo afetivo emaranhado onde se entrelaçam linhas de fuga e linhas de captura. Máquina de guerra, aqui, designa essas composições coletivas que, pela alegria, rompem os cercamentos centralizadores e segregacionistas para semear devires revolucionários.

Diante deste campo de forças, nossa pesquisa enfrenta uma questão central: como a produção de alegria opera como máquina de guerra frente aos processos segregativos da subjetividade capitalística nos territórios existenciais da Unilab? Objetivamos, portanto,

³ Conforme Foucault (1987), tomamos o monumento como vestígio de uma formação de saber-poder que porta o invisível dos acontecimentos.

⁴ Entendida conforme Bispo dos Santos (2023) como força contra o desenvolvimento.

cartografar os agenciamentos dessa produção alegre, seguindo tanto as navegações quanto os naufrágios que constituem a trama afetiva do território. Trata-se de delinear como essas composições de alegria podem destituir as formas de poder hegemônicas que aí se inscrevem.

Para empreender esta cartografia, ancoramo-nos no pensamento de Deleuze e Guattari, adotando a ciência menor como modo de pensamento e operando com o personagem conceitual como condição para um pensamento nômade. O registro em cartas esquizoanalíticas será nosso procedimento para capturar a textura dos encontros. Este percurso metodológico será detalhado na seção 2.

O arcabouço teórico que sustenta a análise, articulando a teoria espinosana dos afetos ao conceito de máquina de guerra nômade, será desenvolvido na seção 3. Na seção 4, mergulharemos nas navegações estudantis pela Unilab, para então, na seção 5, diagramarmos as forças em jogo. Por fim, nossas considerações finais não buscarão um fechamento, mas defenderão o inacabamento como horizonte ético da pesquisa – um gesto coerente com a própria natureza rizomática e sempre em devir do território que nos propusemos a cartografar.

2 METODOLOGIA

2.1 A ciência menor e a cartografia

Para um estudo sobre produção de alegria como forma de insurgência, escolhemos um modo de pensamento que consiga acessar níveis imperceptíveis da realidade. Estes fluxos afetivos não se apresentarão sob uma sigla com um estatuto definido; aliás, não estão nos projetos institucionais de integração internacional. Eles se apresentam nos interstícios da vida universitária, nos micromovimentos que fogem às capturas do aparelho de Estado. Não estão dentro das estruturas, mas nas práticas de destituição dessas hierarquias.

Para esta investigação, este trabalho se afasta da posição régia da ciência que, nas palavras de Deleuze e Guattari, “só suporta e se apropria da perspectiva estática, submetida a um buraco negro central que lhe retira toda a capacidade heurística e deambulatória” (2012c, p. 31). Em contraste, a ciência menor, como prática nômade, não se fixa em centros, antes, percorre as margens, as brechas, as linhas de fuga que compõem a geografia afetiva da Unilab.

Assumimos, portanto, o estatuto de ciência menor. Como tal, não tomamos como modelo grupos estudantis formalizados e estáveis, como se estes fossem uma representação da vida universitária ou um modelo de solidariedade que serviria para ser copiado. Menos ainda recortamos um objeto a partir de um recorte racial, de gênero, sexualidade,

nacionalidade etc., ou de alguma permutação que se possa fazer a partir dos atravessamentos entre eles, não partimos dos pontos. Não traçamos uma grade fixa onde os corpos se distribuem; pelo contrário, eles se distribuem em um espaço liso, ligando-se de um ponto a outro, misturando-se, sendo possível constituir múltiplos blocos de devires que arrastem a norma a devir-mulher, devir-negro, devir-queer, devir-animal, desestabilizando a rigidez dos segmentos duros. Seguindo a imagem do rizoma, buscamos esses fluxos que conectam pontos aparentemente desconexos do território universitário, formando redes de fuga que a lógica institucional não consegue antever. Não buscamos ser Estudante-Náufrago, que não consegue perceber as microfalências do projeto de divisão para a conquista embaixo de seu próprio nariz. Seguiremos as linhas que atravessam o território Unilab, buscando aquelas que explodem na constituição criativa de um novo modo de vida.

Isto é possível porque a ciência nômade se constitui por uma série de rupturas de natureza com o modelo régio. A primeira delas é a adoção de “um modelo hidráulico, ao invés de ser uma teoria dos sólidos” (Deleuze; Guattari, 2012c, p. 25), pois compreende os fluxos como a realidade mesma. Deste princípio, deriva um “modelo de heterogeneidade que se opõe ao estável, ao eterno, ao idêntico, ao constante” (Deleuze; Guattari, 2012c, p. 26), no qual se faz do “próprio devir um modelo, e não mais o caráter segundo de uma cópia” (Deleuze; Guattari, 2012c, p. 26). Seu espaço de atuação não é um container fechado, mas um campo “turbilhonar, num espaço aberto onde as coisas-fluxo se distribuem, em vez de distinguir um espaço fechado para coisas lineares e sólidas” (Deleuze; Guattari, 2012c, p. 26). Por fim, este é um modelo “problemático e não mais teoremático”, no qual “as figuras só são consideradas em função das afecções que lhe acontecem” (Deleuze; Guattari, 2012c, p. 26).

Esta mudança de modelo, permite um procedimento igualmente distinto: a itinação. Enquanto a ciência majoritária opera por procedimentos de “reprodução, itinação e reiteração” (Deleuze; Guattari, 2012c, p. 41), a cartografia consiste em seguir os fluxos. Reproduzir implica extrair constantes e manter “a permanência de um ponto de vista fixo, exterior ao reproduzido: ver fluir estando na margem” (Deleuze; Guattari, 2012c, p. 42). Seguir, na itinação, é diferente: é se envolver nos fluxos turbilhonares, engajar-se na variação contínua e construir processos de singularidade. Significa habitar o fluxo como participante, não observá-lo da margem. É fazer da pesquisa um processo de composição com as forças do campo, onde o cartógrafo é afetado e afeta, é transformado e transforma o que mapeia.

Nossa ciência opera por uma imagem rizomática do pensamento: não hierárquica, não linear, mas conectiva, múltipla e sempre em meio, tal como a alegria que investigamos, que

não obedece a programas, mas brota por contágio, aliança e devir. O Rizoma não opera como a árvore-raiz ou como a raiz fasciculada, não tem um centro significativo do qual derivará tudo, como dizem os autores: “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem.” (Deleuze; Guattari, 1995, p.14).

Ao invés de fixar centros de significância, o rizoma se constitui como um emaranhado de linhas. As linhas que o constituem assumem três modulações: as linhas de segmentaridades duras ou molares, que capturam os fluxos de vida para formas estáticas “de um modo que não é feito para perturbar nem para dispersar, mas ao contrário para garantir e controlar a identidade de cada instância, incluindo-se aí a identidade pessoal” (Deleuze; Guattari, 2012a, p.73). Em um mesmo momento, existe a linha de segmentação maleável ou molecular, esta toma outra posição, remete a “relacionamentos menos localizáveis, sempre exteriores a eles mesmos, que concernem, antes, a fluxos de partículas que escapam destas classes, desses sexos, dessas pessoas” (Deleuze; Guattari, 2012a, p.74). Temos duas políticas acontecendo simultaneamente, uma macropolítica que toma as formas localizáveis, as substâncias sedimentadas, e uma micropolítica, onde os movimentos são como quanta de desterritorialização (Deleuze; Guattari, 2012a, p.74). Estas duas linhas não cessam de interferir uma sobre a outra, enrijecendo os movimentos moleculares e fixando identidades enquanto as raízes explodem criando desordenamentos. Ainda, há uma terceira linha, molecular por natureza, a linha de fuga ou de ruptura, onde por vezes deslizam os movimentos moleculares. Esta faz vazar a realidade e inventa um novo mundo possível, “como se estoura um cano e não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades” (Deleuze; Guattari, 2012a, p.85). Nesta linha se inventam as armas e se tornam os agenciamentos mesmos a própria arma que se vira contra o aparato do Estado. Na linha de ruptura criam-se as máquinas de guerra.

Cartografar é o objetivo e o método deste trabalho. Ele consiste em se pôr sobre estas linhas do rizoma e marcá-las para construir um mapa das linhas a partir do seguimento dos afetos entre os corpos. Segundo Deleuze e Guattari:

o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio dos corpos sem órgãos, para sua abertura máxima sobre um plano de consistência. Ele faz parte do rizoma. O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa

parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. (1995, p.20)

Portanto, a partir da ciência menor como modo de pensamento, tomaremos como procedimento seguir os fluxos dos afetos no território Unilab, cartografando-os, marcando as linhas de fuga de alegria que constituem máquinas de guerra. Este procedimento terá uma forma de operação específica. Trará o percurso de um personagem conceitual Estudante, duplamente Náufrago e Navegante, que catalisa estas linhas para construir nosso mapa no capítulo 5.

2.2 Personagem conceitual como operador do nomadismo

A filosofia de nosso trabalho, em conformidade com Deleuze e Guattari, apresenta três elementos fundantes: “o plano pré-filosófico que ela deve traçar (imanência), o ou os personagens pró-filosóficos que ela deve inventar e fazer viver (insistência), os conceitos filosóficos que ela deve criar (consistência)” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 93). O plano de imanência se instaura como um corte no caos, definindo a terra a partir do qual um pensamento pode emergir (Deleuze; Guattari, 2010, p. 52-53). Em nossa pesquisa, traçamos um plano que encontra sua expressão privilegiada no território existencial da Unilab e que será povoado pelos conceitos de Alegria (Spinoza) e Máquina de Guerra (Deleuze e Guattari), os quais conferem consistência à nossa cartografia. Para que este conjunto não permaneça abstrato, faz-se necessário um terceiro elemento: algo que o percorra e o anime, insistindo e forçando o pensamento a se mover.

Esse elemento vital são os personagens conceituais. Toda filosofia precisa de seus personagens, que são condição para o próprio ato de pensar (Deleuze; Guattari, 2010, p. 8). Importa esclarecer, contudo, o que o personagem conceitual não é: ele não se confunde com o sujeito transcendental do conhecimento, nem com meras figuras retóricas de diálogo; não é representante do filósofo, nem se reduz a um tipo psicossocial (Deleuze; Guattari, 2010, p. 59, 78-82) ou a um lugar de fala. O pensador, na verdade, é “o invólucro de seu principal personagem conceitual e de todos os outros, que são os intercessores, os verdadeiros sujeitos de suas filosofias” (Deleuze; Guattari, 2010, p. 78).

Como Nietzsche (2023) está envolvido de Zarathustra, nos envolvemos nos nossos próprios personagens. Nosso personagem é Estudante. Se nos interessa navegar pelo campo de forças afetivas da Universidade, faremos isso como Estudante. A função de nosso personagem é percorrer o plano como um catalisador que se deixa atravessar pelas flechas afetivas na Universidade. Conforme for atravessado, nos modulamos em dois vetores,

conforme a Tristeza e a Alegria, seremos Estudante Náufrago e Navegante, marcando as forças que compõem o território.

O personagem conceitual do Estudante-Navegante tem uma função metodológica crucial: ao vagar por nosso plano, não representa uma perspectiva fixa, mas busca orientar as relações por critérios imanentes, construindo linhas singulares que impedem a sobrecodificação dos agenciamentos estudantis por formas molares estabelecidas. Estudante é impessoal, não representa uma perspectiva régia do escritor nem um sujeito empírico. Isso lhe permite vagar entre territórios existenciais sem recair em centralizações.

Estudante devém todas essas potências, mas o devir está longe de ser reprodução ou imitação. Como afirmam Deleuze e Parnet, o devir é "uma dupla captura" (1998, p. 10) um processo criativo onde o Estudante e as forças do território se encontram sem se reduzirem a modelos prévios. Nas palavras dos autores, no devir "não é um termo que se torna outro, mas cada um encontra o outro, um único devir que não é comum aos dois, já que eles não têm nada a ver um com o outro, mas que está entre os dois, quem tem sua própria direção, um bloco de devir, uma evolução a-paralela" (1998, p. 14-15).

Sua navegação criativa possibilita a desestabilização das relações estruturais de opressão, não negando-as reativamente, não fiscalizando e punindo quem as reproduz, mas compondo agenciamentos onde essas categorias deixam de funcionar como determinantes primários. O Estudante-Navegante não ignora as formas molares, mas fabrica territórios existenciais onde elas perdem seu poder de sobrecodificação, permitindo que os agenciamentos estudantis inventem suas próprias regras de composição.

O personagem Estudante se coloca dessa forma para captar as minorações dentro do território. O momento em que máquinas de guerra surgem mantendo toda uma série de movimentos em um plano liso, percebe o momento em que os muros caem e os movimentos desafiam a imagem transcendental que consolida as segregações. Nosso Estudante encarna o nomadismo e permite sua operacionalização de modo que para ele é "a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização. É a terra que desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade[na figura de nosso Estudante] aí encontra um território" (Deleuze; Guattari, 2012c, p.56).

2.3 Procedimentos de navegação

Para realizar a cartografia enquanto intervenção metodológica, a materializamos em um estilo de escrita que capture a textura movediça do território existencial. Nossa escolha recaiu sobre o registro em cartas esquizoanalíticas, um procedimento que opera na fronteira

entre o relato literário e a intervenção filosófica. Mais do que um diário de campo, a carta analítica é um dispositivo de captura dos encontros, dos afetos e das linhas de força que compõem o cotidiano da Unilab. Ela registra não apenas o que se vê, mas o que afeta: as tensões em ambientes de sala de aula, as mobilizações para os movimentos estudantis, os grupelhos que se formam nos corredores e suas configurações.

As cartas funcionam, assim, como matéria-prima para o diagrama, pois é a partir da acumulação desses registros afetivos que poderemos mapear, na seção 5, as linhas que compõem o corpo estudantil. Elas são a memória sensível da pesquisa, o arquivo vivo onde a máquina de guerra da alegria e os aparatos de tristeza deixam seus rastros.

Este arquivo será povoado pelos afectos e perceptos dos estudantes tomados pelo pesquisador: os sustos, as reflexões de ônibus, os pensamentos na presença do chuveiro e do travesseiro, as conversas sobre o ambiente universitário. Estes afectos e perceptos, no entanto, próprios do procedimento artístico não cessam de produzir bifurcações que levam à construção de conceitos filosóficos, seguindo a proposta de Deleuze e Guattari:

o plano de composição da arte e o plano de imanência da filosofia podem deslizar um no outro, a tal ponto, que certas extensões de um sejam ocupadas por entidades do outro. Em cada caso, com efeito, o plano e o que ocupa são como duas partes relativamente distintas, relativamente heterogêneas. Um pensador pode portanto modificar de maneira decisiva o que significa pensar, traçar uma nova imagem do pensamento, mas, em lugar de criar novos conceitos que o ocupam, ele o povoa com outras instâncias, outras entidades poéticas, romanescas, ou mesmo pictóricas ou musicais. (2010, p.81).

A operação nesta fronteira entre a filosofia e a literatura permite que marquemos fluxos ao invés de remeter aos sujeitos como causas da realidade. Não diremos Eu, não diremos Tu, diremos que Há afetos que compõem aquele território, pois:

a literatura [...] só se instala descobrindo sob as aparentes pessoas a potência de um impessoal, que de modo algum é uma generalidade, mas uma singularidade no mais alto grau: um homem, uma mulher, um animal, um ventre, uma criança... As duas primeiras pessoas do singular não servem de condição à enunciação literária; a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer Eu (Deleuze, 1997, p.13)

Tomando esta posição, as cartas mesclaram relatos e vivências reais de estudantes e professores, que não serão apresentados como transcrições de narrativas, nem os interlocutores serão tratados como indivíduos, pois não se trata das partes, mas do que acontece entre elas. Nós captamos as intensidades e traduziremos em costuras ficcionais das cartas esquizoanalíticas. Não as colocaremos à prova de uma literatura ou de modelos estruturais para lhes extrair o que é verdadeiro, mas nos alimentaremos delas para inventar um povo que falta, pois “compete à função fabuladora da literatura inventar um povo. Não se escreve com as próprias lembranças, a menos que delas se faça a origem ou a destinação

coletivas de um povo por vir ainda enterrado em suas traições e renegações” (Deleuze, 1997, p.14).

Deste modo, o trabalho busca as potências ainda não sedimentadas de alegria e composição de corpo e contribui para a invenção de novos modos de vida.

3 ESPINOSA, DELEUZE E A ALEGRIA DAS MÁQUINAS DE GUERRA

3.1 A Alegria como aumento de potência do corpo estudantil

Se a cartografia, enquanto ciência menor se propõe a seguir as linhas de força e os devires que compõem um território existencial, é nos conceitos de Benedictus Spinoza que esta pesquisa encontra seu combustível ético-político. Consideramos que o mapa das forças que atravessam a Unilab se potencializa com a física dos afetos, tal como Spinoza propôs. Neste platô, abandonamos a pergunta pelo o que é a alegria, para perseguir a questão espinosana por excelência: *o que pode um corpo? Que afetos o percorrem? Quais encontros o fortalecem e quais o debilitam?* É na Ética que encontramos as ferramentas para compreender como a alegria, longe de ser um mero estado de ânimo, opera como um vetor de composição de corpos e de invenção de novas possibilidades de vida, que são a matéria-prima para as máquinas de guerra nômades que nos interessa cartografar.

Em nossa cartografia, tomamos o corpo, a partir de Spinoza, não como uma substância fixa, mas como modo, isto é, como uma determinação dinâmica e relacional que existe em e através de outros corpos (Spinoza, 2025, II, Def. 1)⁵. Considerado como modo, o corpo é sempre constituído pelas afecções da substância absolutamente infinita, (Spinoza, 2025, I, Def. 5), Deus ou a Natureza, o que significa, em termos do território da Unilab, que ele é permanentemente modelado pelas forças do ambiente que o cerca. Assim, ele é definido não por uma essência da qual emana, mas pelas relações de velocidade e repouso entre os corpos menores que constituem ele próprio em sua natureza específica (Spinoza, 2025, II, P13, Ax.1, Ax.2, Lem. 1).

Se todo corpo é, assim, uma relação dinâmica, o que chamamos de corpo estudantil remete a um agenciamento coletivo. Ele não é uma soma de indivíduos, mas um modo composto singular, um indivíduo de outra natureza que emerge das relações de movimento e repouso, de afecção e afeto, entre os corpos-modo que o constituem: os próprios estudantes,

⁵ A **Ética** é estruturada como um sistema geométrico, composto por cinco partes (de I a V). Cada parte é organizada em sequência fixa por: Definições (Def.), Axiomas (Ax.), Proposições (P.), que são demonstradas, Escólios (Esc., que são comentários e explicações), entre outros. Para garantir que qualquer leitor, independente da edição ou tradução que utilizar, possa localizar exatamente a passagem citada, adotaremos a convenção padrão dos estudos espinosanos de citar pelos elementos internos da obra, e não pelo número da página.

suas associações, seus coletivos, seus saberes e suas práticas. É um corpo que se define pela relação característica mantida entre suas partes, um organismo relacional cuja potência de existir varia conforme a natureza dos encontros que o compõem.

Enquanto modos da substância infinita, cuja própria essência é potência (Spinoza, 2025, I, P34), os corpos são, por definição, dotados de potência de afetar (*potentia*) e aptidão para serem afetados (*aptus*) (Deleuze, 1989, p. 118). É no encontro entre corpos que esta potência se atualiza: ao se afetarem mutuamente, geram afetos, definidos precisamente como “as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída” (Spinoza, 2025, III, Def. 3). Dessa ontologia, derivam os dois vetores fundamentais dos afetos no pensamento espinosano. O afeto é tristeza na medida em que leva o corpo a uma perfeição menor, decompondo suas relações constitutivas e, conseqüentemente, restringindo tanto sua potência de afetar quanto sua aptidão para ser afetado pela alegria. O afeto alegria, por sua vez, opera pelo vetor oposto: intensifica a potência do corpo, levando-o a uma perfeição maior por meio da composição de novas relações, que ampliam exponencialmente sua capacidade de afetar e de ser afetado positivamente (Spinoza, 2025, III, P11, Esc.). Desses vetores derivam todos os outros afetos.

O que importa cartografar são precisamente as mudanças de natureza que se dão no momento da composição entre os corpos. Quando um corpo compõe relações alegres com outros, ocorre uma transformação qualitativa: emerge um novo agenciamento com uma potência de afetar e ser afetado renovada. A tristeza, por outro lado, significa a decomposição de agenciamentos existentes e o fechamento a novas possibilidades de composição. Deste modo, a passagem a uma nova composição é a criação de um modo de existência coletiva novo, enquanto os encontros de tristeza fixam os corpos em formas de existência segregativas.

Esta potência de afetar e ser afetado, no entanto, nunca é apenas corporal ou apenas mental. Pelo axioma do paralelismo: “A ordem e a conexão das ideias é o mesmo que a ordem e a conexão das coisas” (Spinoza, 2025, II, P7), toda afecção do corpo existe simultaneamente como uma ideia na mente. Logo, a alegria e a tristeza são, de fato, um só e mesmo afeto que, sob o atributo da Extensão, se expressa como composição ou decomposição de corpos e, sob o atributo do Pensamento, se experimenta como a transição da mente para uma potência maior ou menor de pensar. Cartografar os afetos na Unilab é, portanto, rastrear essa dupla face inseparável: as transformações materiais nos agenciamentos estudantis e suas expressões imediatas no pensamento coletivo, duas faces de uma mesma realidade aumentando ou diminuindo em potência.

Por essa física afetiva, Spinoza consegue “liberar completamente a causa imanente de toda subordinação a outros processos de causalidade” (Deleuze, 2009, p. 80). Nada transcende as afecções entre corpos e ideias, de modo que tudo se toma como relações de conveniência e inconveniência entre eles. Tornamo-nos, assim, imoralistas, pois “não há Bem nem Mal, mas há o bom e o mau (para nós)” (Deleuze, 1989, p. 32). É bom aquilo que compõe a existência conosco e nos torna mais capazes de agir; é mau aquilo que decompõe nossas relações constituintes. O corpo tomado como modelo do pensamento é o que permite nosso procedimento de itinação.

Dessa perspectiva, podemos compreender os posicionamentos relativos que surgem nos agenciamentos estudantis frente a outros corpos. A alegria põe os agenciamentos em movimento, produzindo devires e zonas de vizinhança onde corpos antes separados começam a se afetar mutuamente e a compor novas realidades. A tristeza, por outro lado, tende a manter cada grupo em seu lugar, dificultando a criação de conexões e a invenção de novos agenciamentos. Enquanto a alegria transforma os agenciamentos estudantis em corpos coletivos mais potentes, a tristeza reduz a potência de agir, decompondo composições existentes.

Como Spinoza desvaloriza a tristeza em proveito da alegria, orientamos nossa cartografia pelos efeitos compositivos desta última. Segundo Deleuze, o Filósofo encontra a face da tristeza em três personagens:

o homem que explora estas paixões tristes, que delas necessita para estabelecer o seu poder; e por último, o homem que se entristece com a condição humana e com as paixões do homem em geral (que tanto pode zombar como indignar-se, mas não deixando a própria zombaria de ser um mau riso). Trata-se do escravo, do tirano, e do sacerdote (1989, p.37)

Nós buscaremos nossos próprios personagens da tristeza e seus algozes, os impotentes e os potentes, os odiosos e os amorosos, recebidos em nosso percurso pelo Estudante Naufrágo-Navegante. Buscaremos a inventividade e o envolvimento do corpo estudantil, buscaremos os agenciamentos capazes de compor alegria com outros, pois não há nada melhor para a sociedade do que a alegria coletiva (Spinoza, 2025, IV, P40).

3.2 A alegria da máquina de guerra

A alegria, enquanto afeto ativo que amplia a potência de agir, constitui-se inicialmente como força ética de composição de corpos. Esta dimensão primordial manifesta-se através de encontros que intensificam as possibilidades existenciais, fortalecendo agenciamentos. No entanto, o que observamos nos agenciamentos estudantis é que a alegria pode permanecer confinada a redutos de afeto sobscritos por critérios transcendentais: parceria entre homens,

sororidade entre mulheres, parcerias baseadas em nacionalidade, sexualidade. Estas são ilhas de potência que, embora vitais, não assumem o papel de máquina de guerra. Este processo de sobrecodificação e confinamento da alegria também está presente nas técnicas de produtividade próprias do neoliberalismo: rotinas de produção acadêmica baseadas em metas de publicações, rotinas de estudo baseadas em quantidade de horas dedicadas, índices de desempenho acadêmico, entre outros. Em cada uma dessas práticas há alegria, porém, sempre canalizada, controlada, incapaz de vazar, frequentemente remetida a uma linha de tristeza.

A diferença entre a alegria capturada e a alegria que alimenta a máquina de guerra manifesta-se, primordialmente, na textura do espaço que ela produz e percorre. Enquanto a primeira circula por um espaço estriado, a segunda se expande por um espaço liso:

O Estado precisa subordinar a força hidráulica a condutos, canos, diques que impeçam a turbulência, que imponham o movimento de ir de um ponto a outro, que imponham que o próprio espaço seja estriado e mensurado, que o fluido dependa do sólido, e que o fluxo proceda por fatias laminares paralelas. Em contrapartida, o modelo hidráulico da ciência nômade e da máquina de guerra consiste em se expandir por turbulência num espaço liso, em produzir um movimento que se tome o espaço e afecte simultaneamente todos os seus pontos, ao invés de ser tomado por ele como no movimento local, que vai de tal ponto a tal outro (Deleuze; Guattari, 2012c, p.29)

A alegria de Estado é, portanto, direcionada. Cria canais de alegria que remetem a um centro de significância. No entanto, isto não quer dizer que não se percorram outras linhas que não as da identidade dentro destes agenciamentos, mas que estas linhas – que são aquelas percorridas pelo que viemos chamando de existência navegante – são novamente capturadas por critérios morais.

Para fertilizar este conceito de máquina de guerra como ocupação de espaço liso, roubaremos o que no pensamento quilombola, Antonio Bispo dos Santos (2023, p.17-32) identifica como cosmofofia. Uma patologia do horizonte colonial: o medo irracional da diversidade de mundos, cosmologias e formas de existência. Para ele, tal condição própria do monoteísmo ocidental não admite cura, mas imunização. Esta se daria pela via da contracolonização, entendida como trânsito para o politeísmo enquanto abertura ética à multiplicidade. A máquina de guerra, nesse sentido surge como prática de politeísmo existencial, fabricação de um espaço liso onde múltiplos mundos podem coabitar sem se reduzir a um denominador comum.

A contracolonização e o politeísmo são condições para o surgimento das máquinas de guerra e das existências navegantes. Bispo identifica a cosmofofia como constituinte dos Humanistas. Estes que prezam pelo desenvolvimento entre os seres. Alternativos a eles, Bispo propõe os Diversais, estes que se mantêm envolvidos. Assim como as máquinas de guerra coexistem com o Estado, os Diversais coexistem com os Humanistas. A postura dos Diversais

é a de um pensamento fronteiriço, que trava diálogos de fronteira compartilhando (e não trocando) fluxos de imunização se protegendo contra o avanço do desenvolvimento. Nossa personagem Estudante Navegante se alimenta em alguma medida do personagem Diversal de Bispo, por sua vez, produzindo contracolonizações no plano do ensino superior.

Neste sentido, a máquina de guerra, com sua postura ética de abertura à multiplicidade, necessita de mecanismos para conjurar a centralização. Deleuze e Guattari encontram estes elementos preventivos na etnologia de Pierre Clastres, que em seus estudos sobre as sociedades indígenas da América do Sul distingue os chefes locais dos homens de Estado. O Estado se preocupa com a conservação dos órgãos de poder, para isso ele possui autoridade para impôr seu domínio. Por sua vez, o chefe está em uma condição “cuja única arma instituída é seu prestígio, cujo único meio é a persuasão, cuja única regra é o pressentimento dos desejos do grupo: o chefe (...) corre sempre o risco de ser renegado, abandonado pelos seus” (Deleuze; Guattari, 2012c, p.20). Deste modo, a autoridade do homem de Estado não é o mesmo que o prestígio dos chefes. O prestígio só é concedido a quem conhece os desejos daquele agenciamento e contribui para a manutenção da multiplicidade. Uma vez que se tente tomar o grupo para si e que se pretenda colocar um Eu acima dos demais, o prestígio se dissipará através de “mecanismos coletivos de inibição” (Deleuze; Guattari, 2012c, p.20).

Nas sociedades contra o Estado, Clastres propõe que a guerra constitui o mecanismo mais seguro de inibição, impedindo que a sociedade se organize verticalmente, operando o Estado contra a guerra e a guerra contra o Estado. No entanto, outra diferença de natureza existe entre o Estado e as máquinas de guerra: o Estado toma a guerra como objeto primário, enquanto na máquina de guerra, ela decorre do encontro com o Estado. Conforme Deleuze e Guattari:

Se a guerra decorre necessariamente da máquina de guerra, é porque esta se choca com os Estados e as cidades, bem como contra as forças (de estriagem) que se opõem ao objeto positivo; por conseguinte, a máquina de guerra tem por inimigo o Estado, a cidade, o fenômeno estatal e urbano, e assume como objetivo aniquilá-los. É aí que ela devém guerra: aniquilar as forças do Estado, destruir a forma-Estado. (...) dir-se-ia que a guerra não é nem a condição nem o objeto da máquina de guerra, mas a acompanha ou a completa necessariamente (2012c, p.109)

Portanto, as máquinas de Guerra são uma força positiva, que só se tornam reativas quando capturadas pelo Estado, que coloca a guerra como seu objeto, deste modo:

“quando o Estado se apropria da máquina de guerra, esta muda evidentemente de natureza e de função, visto que é dirigida então contra os nômades e todos os destruidores de Estado, ou então exprime relações entre Estados, quando um Estado pretende apenas destruir um outro e impôr-lhe seus fins. (...) Em suma, é ao mesmo tempo que o aparelho de Estado se apropria de uma máquina de Guerra, que a máquina de Guerra toma a Guerra por objeto e que a guerra fica subordinada aos fins de Estado” (Deleuze; Guattari, 2012c, p.110)

Além da diferença da composição do espaço e da posição da guerra nos agenciamentos, existe uma diferença na forma numérica. Não é uma diferença de quantidade, mas de natureza de organização. A burocracia do Estado depende dos números, utiliza os procedimentos técnico-científicos de medição para “dominar a matéria, para controlar suas variações e seus movimentos, isto é, para submetê-los ao quadro espaçotemporal do Estado” (Deleuze; Guattari, 2012c, p.68). O número do estado é numerado: as técnicas de demografia, de contagem de votos, controle de natalidade, contagem de tempo na esteira de produção. Esta é a forma estriada do número no funcionamento do Estado. A máquina de guerra, por sua vez, funciona em uma outra temporalidade, a do número numerante:

O número numerante já não está subordinado a determinações métricas ou a dimensões geográficas, está apenas numa relação dinâmica com direções geográficas: é um número direcional, e não dimensional ou métrico. A organização nômade é indissoluvelmente aritmética e direcional; por toda parte quantidade, dezenas, centenas, e por toda parte direção, direita, esquerda: o chefe numérico é também um chefe da direita ou da esquerda. O número numerante é rítmico, não harmônico. (Deleuze; Guattari, 2012c, p.70)

É nesse sentido que a oposição entre o número numerante da máquina de guerra e o número numerado do Estado ganha todo seu relevo. O número numerante é rítmico e direcional; ele expressa uma lógica de composição e movimento que se opõe radicalmente à lógica metricista e de controle do número numerado. A alegria que anima a máquina de guerra é, portanto, criadora de seus próprios ritmos temporais, não se deixando submeter aos cronogramas e metas externas. Sua potência se afirma na destituição da lógica do desempenho e na invenção de um tempo próprio

4 CARTAS DE UM ESTUDANTE

4.1 Aos que se falam entre os mundos

Sabemos bem: a Unilab possui uma certa potência de encanto, ou pelo menos de espanto, que talvez todos que por ela passaram tenham experimentado. É difícil não se espantar: com tanta cor e tanto cabelo, tanto ritmo, tanta roupa, tanto enfeite e pensamento. Em um simples caminhar pelos campi, passeamos entre mundos a cada momento. Entre o campo e a cidade, entre continentes, entre oceanos, entre os gêneros, as raças, as sexualidades, algo se passa entre nós, e nestas fronteiras entre mundos, nas conversas que se dão nelas, a linguagem não tarda a gaguejar — “Como?”, “não compreendi?”, “que palavra é essa?”, “o que tem nessa comida?”, “você também brincava disso?”, “você é o que mesmo?”.

E nós sabemos disso: as conversas entre mundos são gagas⁶, as sintaxes são truncadas. Nas conversas entre mundos, o texto não segue em linha reta, retorna-se à frase anterior e explica-se e reexplica-se. Demora-se e cria-se uma nova língua⁷. Esta nova língua que se cria não é preenchida por palavras acompanhadas de verbetes de dicionário; suas definições não são nominais, nem são fixas. Elas são compostas de intensidades que perpassam aquele agenciamento-gagueira. Então surgem as conexões: “por exemplo...”, “quando era criança...”, “lá no meu país...”. Começa-se a contar histórias, de si, de um tio, do pai, de um amigo, de uma briga de infância. O encontro desenha cartografias de cada mundo, e quando o faz, artesana um novo mundo. Estes instantes se realizam na contação de histórias, costumam ser forçados na oralidade, são um processo infinito de criação.

Imaginemos, por exemplo, um Estudante andando nos corredores veja um corpo que não tenha palavras para descrever, ou que pelo menos acredite que não tenha palavras adequadas, ou mesmo sabendo como chamam, não tenha afinidade com tal existência, de modo que não saiba como se aproximar, ou mesmo, que tenha aversão à composição com aquele corpo. Isto é comum em questões referentes à sexualidade.

Conta-se que certa vez, ao ver dois estudantes, homens, com a cintura de um envolvida nos braços do outro e os olhos convidando-se, um estudante espantou-se. Rapidamente correu a sua amiga de confiança e perguntou-lhe: “o que está acontecendo ali?”. Ela riu, riu alto, uma risada estridente com uma boca tão aberta que o clima entre os rapazes foi interrompido. A risada da garota provocou riso nos rapazes, e provocou riso naquele Estudante. Virou-se aos moços e disse, “ele quer saber se vocês são gays?”. “Podemos ser isso e muito mais coisas”, responderam os rapazes.

Um espanto inicial, uma imagem que fez balançar a normalidade e a moral, um tropeço, uma gagueira e um riso. Um riso estridente convidou a um novo corpo. Reuniram-se e começaram as perguntas: “vocês podem fazer isso aqui?”, “como foi descobrir isso?”, “você não tem vergonha de falar disso?”. Cada pergunta foi feita com curiosidade e respondida com uma história. A história do medo da família, dos primeiros beijos, das brincadeiras clandestinas, da sensação de liberdade. Cada história recebia uma outra história como resposta: uma história de sua vida, e de repente estavam ali, Estudantes, navegando.

⁶ A gagueira da própria linguagem implica um encontro que coloca em variação os elementos linguísticos e não linguísticos, variáveis de expressão e variáveis de conteúdo. Esta gagueira desestabiliza o ser, impondo uma forma de redundância da conjunção *e*, que desestabiliza a forma estática do ser do verbo *é*, promovendo devir ao invés de identificação (Deleuze; Guattari, 2011, p.45). Ela não introduz uma gagueira nas palavras que já existem, mas ela própria é em ato e introduz suas próprias palavras afetantes (Deleuze, 1997, p.122).

⁷ Uma língua menor, que em encontro com a língua maior produz devir, fazendo-a vazar (Deleuze; Guattari, 2011, p.52-54).

O compartilhamento das vivências é uma condição que cria uma máquina de guerra da alegria. O riso disparou uma linha de fuga, que inicia um bordado feito com os fios da oralidade e com a agulha do bom humor. A língua menor, que ali se tece, arrasta os corpos a devir. A devir-gay, a devir-africano, a devir-mulher. E constrói-se uma língua menor pautada no vivido, no imanente. Todos presentes naquele momento devem navegantes, os mundos se arrastam sem rumo. As histórias vão para todos os lados. Esse arranjo dissolve o medo de perguntar, o medo de narrar, a culpa de não saber. Entramos em relações de admiração e curiosidade, andamos sobre linhas de alegria.

Existem, também, agenciamentos de uma outra natureza. Estes são próprios dos naufragos. Ao se deparar com a gagueira, os naufragos não vêem possibilidade de criação e compartilhamento, mas enxergam a falta. A falta e a correção punitivista são a sua linguagem. São inúmeros os casos de ódio explícito na Unilab que materializam esta lógica de aniquilação do diferente. Nos recordemos de quando um homem caminhou pelos corredores armado, buscando a aniquilação de um corpo feminino que considerava ser sua propriedade; de um homem que rasgou um cartaz de um coletivo de transgeneridades, filmou o ato, postou em suas redes sociais usando justificativas religiosas; de um homem que violentou fisicamente uma mulher após uma discussão banal; de uma travesti, em uma festa universitária, no momento preciso em que seus lábios encontravam os de um rapaz, ter dois amigos o puxado para longe dela, sussurrando em seu ouvido que ela não era mulher; e de uma mulher trans em um evento de mulheres negras, quando lhe foi sugerido que aquele não era seu lugar porque ela supostamente não era mulher, nem negra. Estes não são incidentes isolados. Eles revelam que as linhas de ódio não produzem apenas isolamento ou silêncio, mas a pura destruição do potencial de encontro.

É crucial demarcar que as práticas de punição e exclusão não são monopólio de posicionamentos ideológicos, mas perpassam como linha de tristezas as mais diversas relações, diferentemente das linhas de ódio que tem seu arquétipo historicamente consolidado justamente nos aparatos de opressão estrutural: nos grupos moralistas religiosos, nas comunidades racistas, nos círculos heteronormativos que patologizam afetos dissidentes, por excelência, os agentes cosmo-fóbicos da colonialidade, cuja existência depende da negação de outros outros mundos, diferentemente dos navegantes, que não dependem de critérios de reconhecimento que marcam a norma. As linhas tristes do medo, da vergonha e do julgamento, por sua vez, também brotam como captura de lutas contra essas opressões, operando pela implementação de hierarquizações morais que minam as mobilizações sociais.

Ao descrever a captura de lutas legítimas pela lógica de captura em torno de uma ideia, não se defende, portanto, qualquer tese reacionária sobre "vigilância identitária" ou "racismo reverso". Pelo contrário: trata-se de reconhecer que mesmo máquinas de guerra relevantes, como o combate intransigente ao racismo, marcador fundamental de nossa formação social, não estão imunes a processos de captura. Quando a potência destas máquinas deixa de orientar-se pela destituição das estruturas opressivas para dedicar-se à condenação moral de indivíduos, opera uma sutil mas decisiva transmutação. O poder, então, tende a centralizar-se em representantes que administram códigos de pureza política, fechando as fronteiras que deveriam ser expandidas pela luta, produzindo linhas de tristeza.

Aconteceu certa vez, de um estudante ter que se autodeclarar racialmente. Disse que é pardo. Sua afirmação foi revidada com risos, não risos de convite à conversa, mas risos de ataque, daqueles que sugerem a inferioridade do outro. Declarou-se pardo, era entendida pelo meio, composto de representantes estudantis, como branco. Tal diferença foi suficiente para ser considerado racista. O ato de fala⁸ foi realizado, de camarada Estudante à racista. Sua punição: a rejeição do grupo. Suas tentativas de esclarecimento não foram ouvidas, sendo o vínculo sistematicamente interrompido.

Ao contrário do que pareça, este não é um caso isolado, mas a expressão de uma linha dura que perpassa a vida universitária: professores que reprimem alunos em sala, colegas que expõem e ridicularizam uns aos outros em grupos de WhatsApp, pesquisadores experientes sendo impacientes com o aprendizado de calouros, vozes que se elevam em tom de condenação onde poderia haver escuta. Tais atitudes encontram justificativa numa espécie de jargão que se popularizou: "sem amorzinho pros nossos inimigos", "a luta se faz com ódio". Estas fórmulas, embora possam nascer de um legítimo cansaço diante da opressão, produzem um efeito perverso: reforçam uma dicotomia paralisante entre pacifismo ingênuo e radicalidade autêntica⁹, como se a ética do cuidado fosse incompatível com a transformação

⁸ Os atos de fala remetem a enunciação que promove transformações incorpóreas em corpos sociais (Deleuze; Guattari, 2011, p.19). Neste caso, uma acusação de racismo tira o corpo de um estado socialmente aceito a uma posição de condenação, tornando sua exclusão moralmente aceita e desejada, e coloca àqueles que se opõem ao feito na mesma posição que o corpo condenado. Bean (2019) reflete sobre um caso de julgamento por ódio racial em um júri do partido comunista dos EUA em 1931, exemplo histórico para a organização dos movimentos hoje. O júri optou pela responsabilização coletiva do partido pelo caso e pela implementação de medidas de educação racial como forma de restauração desta falha organizativa e pelo trabalho restaurativo como forma de punição individual. Bean considera o exemplo relevante à organização dos movimentos contemporâneos, que segundo ela, minam os vínculos de camaradagem e o senso de sentido comum por um vampirismo hierárquico interno e pela cultura de cancelamento. No mesmo sentido, O Comitê Invisível (2016), ao analisar as insurreições que emergiram no mundo a partir de 2008, encontram no moralismo e na prescrição de formas de vida pontos de falência das insurreições, como captura dos movimentos de destituição do poder pelo paradigma de governo de uns sobre os outros.

⁹ Para o Comitê Invisível (2016, p.164-191) a questão do pacifismo e da radicalidade sofreu uma captura moral dentro dos movimentos, tornando-se prescrição definidora da ação revolucionária em grupos específicos. Assim,

radical. Ao cristalizar-se em slogans, esse discurso acaba por aprisionar a potência do político em fórmulas transcendentais, negando justamente o solo imanente e movediço onde as interações concretas se dão e onde os afetos poderiam ser compostos de outro modo.

Neste ponto, uma distinção ética torna-se vital: a diferença abissal entre os encontros de espanto que disparam a conversa entre os mundos e os encontros odiosos. O primeiro é o motor de uma máquina de guerra: nasce do espanto genuíno diante do outro, assume o risco da própria incompreensão e abre-se ao tempo lento da conversação recíproca. É própria do compartilhamento entre mundos. O segundo é arma de destruição: visa constranger, reafirmar hierarquias e negar a legitimidade do outro existir. É própria da cosmovisão. O grande prejuízo dos microfascismos no interior dos movimentos é precisamente confundir um com o outro, tratando todo questionamento como agressão e toda hesitação como má-fé. O medo da fala que daí advém, tanto nos estudantes que carregam marcas opressoras em sua socialização quanto naqueles que temem cometer erros, é o sintoma mais claro do esvaziamento da potência compositiva. Eles se privam do direito à curiosidade e, ao fazê-lo, fecham as portas aos devires que poderiam deslocar suas próprias certezas.

A diferença de compreensão de uma determinação racial desta vez não levou ao compartilhamento, e o riso não foi convidativo. Aqui, o agenciamento opera por interdição, e sua alegria, restrita aos que compartilham o mesmo código, é de natureza passional. A alegria entre os que tem a razão, entre os que merecem policiar as fronteiras. Uma ideia de raça de um circuito que tinha uma concepção comum definia a inclusão e exclusão do grupo. Esse agenciamento tem como princípio a unidade da linguagem a partir de padrões morais. Fugir disso, merece correção. A gagueira e o retorno não são permitidos. As alegrias do grupo são canalizadas aos iguais. Aos que falam a mesma língua, pois uma língua já é pressuposta. O processo de artesanato é substituído por uma máquina de reprodução discursiva.

Em síntese, o agenciamento-gagueira é a criação de uma língua menor, sob medida para cada relação, composta das intensidades e histórias dos corpos. Não tem uma imagem transcendente, nem métodos de exclusão. Ele necessita do politeísmo e as linhas de alegria estimulam a criação. Sua matéria-prima é a expressão do vivido: um fluxo que abre sentidos, conta a vida sem prescrevê-la e não entrega uma moral da história. É o domínio do Estudante-Navegante, que tece o mundo com as linhas do 'e... e... e...'. Sempre destituindo a centralização, é o combustível das máquinas de guerra.

a questão da radicalidade e do pacifismo das lutas sociais seria tomada como dada de acordo com o código do grupo, e não pelo que as ações realizam em ato. Esta é uma forma de privatização da ação revolucionária, que mina a organização social.

Já o agenciamento-captura de mundos, embora também produza seu próprio tipo de coesão, opera por critérios pré-determinados que hierarquizam e paralisam. A produção de tristeza aparece como mecanismo de controle: o medo de perguntar, a culpa por errar. Seu instrumento é a prescrição do vivido: um fechamento que dita deveres, define as palavras permitidas e assina, no final, uma moral da história. É o refúgio do Estudante-Náufrago, que, à deriva, agarra-se à tábua de salvação de um código rígido, mesmo que este código o imobilize. Navegando pela Unilab, nota-se que este tipo de arranjo centralizador é invocado como fonte de medo e vergonha, justificando os silêncios em sala de aula e o isolamento das interações.

Não devemos, no entanto, imaginar que a gagueira da conversa entre mundos aparece como uma liberdade irrestrita de expressar qualquer coisa. A máquina de guerra não toma a guerra como objeto, mas a guerra a acompanha sempre que aparecem tentativas de centralização. Sempre que a transcendência faz brotar suas raízes, é preciso tecer, no próprio corpo do agenciamento, mecanismos de inibição que impeçam a imposição de uma autoridade vertical.

Para visualizar isso, podemos nos transportar a uma roda de literatura onde liam-se contos de oralitura guineense. Era um ambiente diverso em seus marcadores sociais. Os mundos estavam conversando entre as fronteiras: homens e mulheres, angolanos, moçambicanos, guineenses, brasileiros, entre outros. Estavam sentados no chão, sala cheia. O conto trazia a história de uma filha cuja mãe morreu e, no novo casamento de seu pai, era maltratada pela madrasta e negligenciada pelo genitor. A maioria das mulheres africanas começou a se identificar com a história e contar suas próprias experiências. Muitas histórias de violência contra as mulheres pelos pais e pelos maridos foram trazidas, todos os presentes eram arrastados por suas histórias.

Até que em determinado momento, uma fala corta a atmosfera: um homem guineense afirma categoricamente: “a violência contra as mulheres não existe, isto é vitimismo, porque as mulheres são sensíveis demais por natureza”. Naquele momento os ânimos se inflamaram, vozes se ergueram por todos os lados. Alguns se calaram e esperaram para ver o que ia acontecer, outros tentavam expôr o absurdo da fala do rapaz. O mais impressionante de toda essa história, foi a atitude das mulheres que narravam suas histórias. Estas rapidamente uniram-se e clamaram aos presentes: “vamos ouvi-lo, deixe ele falar”. Estava óbvio que a maioria dos participantes condenavam sua posição, mas o convite para que falasse partiu de um princípio ético de composição: era preciso compor com aquele corpo e com aquela fala,

por mais dissonante que fosse, para transformar o conflito em um movimento do agenciamento, e não cristalizá-lo em uma condenação moral que o excluísse.

O que tornou possível esta abertura foi o solo fértil de vínculos já existentes. Apesar da violência de sua fala sobre gênero, outras linhas de afeto o ligavam ao grupo: a identidade africana compartilhada, a cumplicidade forjada em outras atividades, a experiência comum da oralitura que haviam partilhado, a condição de recém-chegados. Estas conexões prévias criaram uma predisposição à escuta, ele não estava diante de estranhos, mas de camaradas com quem já haviam construído vínculos afetivos. Durante todo o diálogo, o riso humorístico surgiu como um operador ético, aliviando tensões, lembrando a todos que aquela não era uma guerra de aniquilamento, mas um difícil exercício de composição. Não por acaso, os estudantes costumam revelar suas ideias mais cristalizadas justamente para aqueles com quem compartilham outros territórios afetivos, é nos interstícios desses vínculos múltiplos que a descolonização se torna possível, pois a confiança acumulada permite o risco da desestabilização mútua.

Expressou todo tipo de essencialismo e justificativa incabida, a cada certeza que enunciava alguns ânimos se elevavam, mas eram rapidamente suprimidos pelas moças. Por conveniência do momento, havia muitos Estudantes capazes de debater questões de gênero naquele momento. Cada uma de suas afirmações era, então, perfurada por afetos outros: afetos da vida, da literatura, de formulações científicas. Testava-se o melhor jeito de quebrar esta imagem da mulher em essência que ele havia invocado. Um jeito inusitado apareceu, uma das mulheres disse que ele é assim porque os homens de sua etnia são brutos. Eis que duas imagens transcendentais se enfrentavam no mesmo plano: a mulher sensível e vitimista, o homem africano selvagem por sua etnia. Seguiu-se um combate ao aparelho segregador do Estado nestas duas frentes. No fim da história, após algumas horas de conversa e de muita discussão, os Estudantes que ali debatiam acabaram cantando juntos. Houve uma concordância pela composição, uma alegria restaurada após o esforço comum.

O que este enredo demonstra é que o agenciamento-gagueira ali presente não tinha um código penal. Os afetos do território foram direcionados à inibição da transcendência, puseram o grupo em movimento, uma máquina de guerra em ato, ao invés de serem direcionados à culpabilização dos indivíduos.

4.2 Às nossas multidões solitárias

É comum que Estudantes fiquem cercados de gente praticamente o tempo inteiro. Vivem em salas de aulas cheias, eventos lotados, no restaurante universitário, nos espaços de convivência ou em repúblicas estudantis. Quase sempre há alguém do seu lado, essa é uma característica importante de um Estudante. Andam aglomerados aos montes em seus espaços de convivência. Não seria assim se tratássemos de figuras outras, como o programador que se relaciona com as telas, o contabilista que vive no escritório, ou a figura da viúva nuclear, cujos filhos e marido estão longe.

Poucos personagens vivem tão imersos na multidão como o nosso Estudante. E, no entanto, poucas solidões são tão espessas quanto a que se constrói no interior desses aglomerados. Porque entre um corpo e outro, na mínima distância de um ombro ao outro, erguem-se paredes invisíveis.

Encarnamos um Estudante. Desembarcamos no campus e somos disparados como uma flecha; o alvo é a sala de aula. O ângulo do olhar oscila, de 45° a 90°, num piscar de olhos. Um relance à frente, uma conferida ao brilho na palma da mão¹⁰. A avaliação é clara e os olhos procuram, num jogo de bem-me-quer, mal-me-quer, o encaixe propício. Aquele não, aquele outro também não, este cumprimento, mas apresso o passo e mudo a trajetória, evitamos cruzamento perpendicular. Seguimos, assim, em constantes manobras de evitação. Pés e olhadas rápidas.

Chegamos à sala. Hoje, precisamos compor grupos de trabalho. De novo, as olhadelas irão trabalhar. Buscaremos o conhecido. O constante. O controlável. Buscaremos o tema que mais dominamos: uma estratégia para poupar tempo, para evitar novas pesquisas. Os olhos vasculham o ambiente à procura dos amigos com que mais afinamos. Aquele cresceu na mesma cidade que eu, mas está junto deste outro, que não entendo bem a extravagância das indumentárias. Tem ela... mas ela é ex-namorada do meu amigo, e ele pode se embravecer. Aquele alí costuma falar demais, isto me incomoda, e esta outra é muito calada.

O arrastar das cadeiras anuncia as composições geométricas. Tábuas de gênero, Tábuas de nacionalidade, Tábuas de sexualidade. Tábuas de segurança e alegria. Três desencaixados, para a nossa infelicidade, jogados no espaço liso do oceano. Cruzamos os

¹⁰ Byung-Chul Han (2022, p.47-62) discute a partir de uma perspectiva da ação comunicativa, o papel de poder da digitalização como mecanismo de narcisização e atomização do corpo social. A partir de mecanismos como os filtros-bolhas e as câmaras de eco, os espaços digitais enquadram os indivíduos em espaços de reafirmação constante de si e de declínio da alteridade. A informatização, é portanto constituinte da psicopolítica contemporânea, influenciando nas formas de sociabilidade, perpassando o que aqui consideramos como compartimentação identitária.

olhares com os outros que flutuam levados pelo vento e pelas ondas. Não somos uma ilha, desta vez, temos que fazer nado com nossos braços.

Somos então obrigados a nos coligar, nós, tão diferentes. Temos uma última alternativa. Não arrastaremos o pensamento no solo de nosso mundo. O cortaremos em picadinhos e falaremos de outras coisas. Falaremos de um texto, falaremos de um autor, falaremos de algo, mas não nos metamos nisso. Dividiremos as funções e deixaremos de nos falar. A discussão será feita por grupos de whatsapp, mas acontecerá das tentativas de conversa acabarem em um enorme silêncio como resposta.

As funções são úteis, pois nos poupam tempo. Temos uma organização linear e tarefas claras. Andamos de um ponto ao outro, seta e alvo. O tempo economizado aqui é importante, precisamos dele para nos dedicar ao sucesso acadêmico: muitas disciplinas para adiantar a formatura, muitas publicações redundantes para preencher os currículos, muitos eventos, muitos lugares. O conhecimento pode esperar, pois o que vale mesmo são os certificados que acumulamos pelo caminho. Ou também, podemos estar simplesmente interessados em sobreviver com o tempo investido nas rotinas de trabalho.

Deste modo, as linhas de naufrágio se sobrepõem à composição com o diferente. A burocracia de modelos empresariais de divisão de trabalho e o direcionamento de trabalhos desconectados do vivido evitam o desconforto do compartilhamento fronteiriço. Mesmo quando os diferentes coabitam o mesmo espaço, ele está estriado a partir do direcionamento das conversas a elementos externos a ela, que embora possam tocar as relações dos grupos (como por exemplo um texto que fale sobre a dissidência sexual que tem relação direta com a realidade dos estudantes) não arrastam à experimentação da composição com aqueles corpos que estão presentes, mas isola as trocas energéticas.

Por outro lado... se estabelecermos uma outra relação... e se buscarmos nas cartografias do vivido os nossos conteúdos, se nosso olhar sair dos 45° da tela e do papel e se cruzar com os olhos do outro? que tipo de encontro teremos? Que diferença faz estudar em frente ao papel frio e frente ao olhar atento de outra pessoa?

Esta também é uma cena comum: aí é onde rompe-se a burocracia da divisão empresarial. Quando estamos falando do que se vive, recorre-se a quem viveu aquilo, encontram-se as falas, e começa o movimento que já descrevemos na primeira carta. Esta é precisamente uma condição do surgimento de uma máquina de guerra.

Podemos encarnar esta situação em outra situação. Coloquemo-nos dentro de uma casa, uma república estudantil. Existem muitas dessas, mas suas organizações costumam se repetir. É dividida em quartos, geralmente cada um ocupado por duas pessoas, uma sala, uma

cozinha, geralmente pequena, um banheiro. Podem-se encontrar outros arranjos, às vezes quartos ocupados por uma pessoa só, outras onde alguém dorme na sala. Geralmente, um grupo de whatsapp é feito para mediar a comunicação de assuntos burocráticos. Este é um espaço de muitos encontros de um Estudante.

É comum em algum desses espaços de encontros, que as paredes que dividem a arquitetura da casa sirvam como uma barreira de sociabilidade. Cada pessoa em seus quartos, em suas rotinas, resolvendo os problemas de moradia por mediação do grupo de whatsapp. Uma incapacidade comunicativa se põe no meio de uma louça suja, de um chão mal varrido, de uma comida na geladeira. Acusações agressivas e por vezes silenciosas se erguem entre Estudantes, transformando as moradias em ambientes hostis. É comum que tais violências cotidianas levem a uma separação entre os moradores.

As repúblicas estudantis, no entanto, mediadas por relações envolvidas, podem levar a criação de redutos seguros, ou mesmo de agenciamentos nômades. Elas costumam ser frequentadas por pessoas de origem comum, casas de mulheres, casas de homens, casas de pessoas sexo-gênero dissidentes, casas de brasileiros, casas de angolanos, etc... Cada uma destas moradias é uma exposição única que reúne as práticas de organização, culinárias, uso do tempo, brincadeiras, hábitos de consumo e práticas de sexualidade. Todos estes elementos que produzem a coesão da vivência cotidiana são vivenciados pelo estudante morador como naturalizados, mas na presença de um visitante, o que acontece é uma explosão de compartilhamento.

A visita é um disparador da máquina de guerra. Há uma vontade de compartilhar o próprio território. Cria-se uma série de vínculos e estranhamentos, com a comida apimentada ou com excesso de alho, com as diferentes decorações, com a forma de conversar alto e rindo muito e com as histórias vividas naquele ambiente. Com a conversa que se cria entre os mundos em uma ocasião de visita, é comum que alguns desses hábitos sejam roubados e que as visitas se tornem mais frequentes. As visitas são um disparador por excelência das máquinas de guerra da alegria.

5 DIAGRAMANDO AS FORÇAS

5.1 Cartografia das correntes afetivas

É possível que se questione sobre a utilidade de olhar para essas microrrelações. Grupos divididos em sala de aula, conflitos em repúblicas estudantis, conversas de corredor, rodas de leitura, afetos de medo, de vergonha, de alegria. Dentro de uma perspectiva

tradicional da ciência, tais fenômenos poderiam ser considerados meras contingências. No entanto, na cartografia que empreendemos (conforme estabelecido na seção 2.1), a política é sempre macropolítica e micropolítica, de modo que "a diferença qualitativa das duas linhas não impede que elas se aticem ou se confirmem de modo que há sempre uma relação proporcional entre as duas, seja diretamente proporcional, seja inversamente proporcional" (Deleuze; Guattari, 2012a, p.102).

Tendo isso como horizonte, em nosso processo de itinação fomos constantemente direcionados por correntes afetivas que funcionam como verdadeiras correntes oceânicas, arrastando os corpos para processos de subjetivação proporcionais ao projeto capitalístico. Estas correntes são os canais que acorrentam as tábuas de segurança, esses agrupamentos por nacionalidade, gênero ou afinidade prévia, em trajetórias paralelas e evitativas. A saída da tábua leva à exposição direta à insegurança do mar aberto e à vulnerabilidade do espaço liso. Esta dinâmica entre segurança molar e insegurança molecular é descrita por Deleuze e Guattari com precisão:

A administração de uma grande segurança molar organizada tem por correlato toda uma microgestão de pequenos medos, toda uma insegurança molecular permanente, a tal ponto que a fórmula dos ministérios do interior poderia ser: uma macropolítica da sociedade para e por uma micropolítica da insegurança. (Deleuze; Guattari, 2012a, p.102).

As tábuas de segurança são a expressão dessa macropolítica da sociedade na Unilab: a sala de aula onde corpos se agrupam, deixando "três desencaixados" à deriva; a república estudantil hostil onde a arquitetura vira barreira, as evitações do encontro perpendicular; são mecanismos que confluem com a análise de Zygmunt Bauman sobre o comunitarismo. Para o autor, a imagem da comunidade sonhada é a

de uma ilha de tranqüilidade caseira e agradável num mar de turbulência e hostilidade. Ela tenta e seduz, levando os admiradores a impedir-se de examiná-la muito de perto, pois a eventualidade de comandar as ondas e domar os mares já foi retirada da agenda como uma proposição tanto suspeita quanto irrealista. (Bauman, 2001, p.170)

Neste sentido, as comunidades como lugares calmos no mar agitado, convergem com nossa imagem de abrigo nas tábuas por medo de exposição às correntes, ao passo que seguem expostas ao caminho que elas definem, de modo "que as comunidades que eles elogiam e recomendam como cura para os problemas da vida de seus contemporâneos se assemelham mais a orfanatos, prisões ou manicômios que a lugares de liberação potencial." (Bauman, 2001, p.169). Bauman conclui, deste modo que "o potencial de liberação nunca foi a questão dos comunitários; os problemas que se esperava que as futuras comunidades sanassem eram sedimentos dos excessos de liberação, de um potencial de liberação grande demais para ser confortável" (Bauman, 2001, p.169). Neste modelo:

A nova primazia do corpo se reflete na tendência a formar a imagem da comunidade [...] no padrão do corpo idealmente protegido: a visualizá-la como uma entidade internamente homogênea e harmoniosa, inteiramente limpa de toda substância estranha, com todos os pontos de entrada cuidadosamente vigiados, controlados e protegidos, mas fortemente armada e envolta por armadura impenetrável (Bauman, 2001, p.171).

Portanto, como já assinalamos em nossa carta analítica (seção 4.1), que descreve casos explícitos de ódio, é crucial demarcar uma relação fundamental no plano dos afetos tristes, entre as forças paralisantes do medo e da culpa e a força destrutiva do ódio. Neste contexto, as heranças colonialistas atualizam-se como linhas duras da subjetivação, produzindo uma geografia de territórios evitativos que se consolidam nas tábuas de segurança. Estas tábuas, que materializam o ideal comunitário do corpo protegido e fechado, carregam em si a potência paradoxal de seu próprio arrastamento: ao serem atingidas pelas frentes oceânicas da alegria, podem ver sua rigidez dissolvida, disparando dinâmicas imprevistas de compartilhamento e composição. Por outro lado, a rigidez moral e o julgamento que circulam no interior das tábuas, a lógica do consenso punitivista, podem, elas mesmas, se desdobrar em novas linhas de ódio quando cristalizam códigos de pureza identitária ou moral, passando de modos de vida em variação contínua a formas definidas. A defesa da tábua justifica-se pela tempestade do ódio; a permanência na prisão da segurança fortalece-se pela produção molecular da insegurança.

Tomemos como exemplo disso, além dos afectos e perceptos registrados nas cartas, o trabalho de Quijila et. al. (2021), que documenta ricamente as impressões dos estudantes africanos frente às questões de gênero e sexualidade. Em um dos relatos de seu trabalho, o entrevistado, estudante guineense, diz o seguinte:

não estava acostumado com esses termos LGBTQI+, travestis, lésbicas, gays e outros termos [...]. Também percebi que essa comunidade dificilmente se aproxima dos africanos, pois a estranheza se dá a partir de ambas as partes. Talvez a universidade não criou esses espaços de convivências, portanto, há um choque de cultura muito grande. (Quijila et. al., 2021, p.23).

Os autores também registram a expressão dessa compartimentação nas lutas coletivas, um estudante angolano relata: “As lutas têm sido muito grupais. Quando a questão não é do nosso interesse, não vamos nos colocar ou nos posicionar” (Quijila et. al., 2021, p.28). Ambos os relatos reafirmam nossa tese.

Além disso, os corpos aprendem a dividir as funções e a estriar os canais da conversa, criando blindagens que os escondem dos olhares por trás de escudos – seja pela mediação digital dos diálogos, pelo argumento da ocupação constante, ou pela divisão de tarefas que transforma o trabalho coletivo em execuções isoladas. Esta divisão opera como tecnologia de evitação da diferença: ao dividir rigidamente as atividades, cria-se um regime de paralelismo onde cada um cumpre sua parte sem a necessidade do contato substantivo com a alteridade. O

trabalho deixa de ser construção comum para tornar-se justaposição de produtos finais e a potencial turbulência dos encontros é substituída pela segurança das linhas retas que não se cruzam. Na mediação digital, este mecanismo se aprofunda: é possível calcular o que se escreve, regravar áudios, ajustar fotos – o olhar que vigia a relação é ótico, angular, próprio da métrica estatal, operando nos 45° do olhar da evitação. Já na presença física do outro, abre-se a esfera háptica do encontro perpendicular, dos 90°, do olho no olho, que não permitem evitação, onde, como notam Deleuze e Guattari, "é um espaço tátil, ou antes 'háptico', e um espaço sonoro, muito mais do que visual... a variabilidade, a plurivocidade das direções é um traço essencial dos espaços lisos, do tipo rizoma, e que modifica suas cartografias" (Deleuze; Guattari, 2012c, p.57).

Neste regime estriado, o conhecimento deixa de ser experiência de transformação mútua para tornar-se recurso a ser acumulado e o tempo da conversa entre mundos é substituído pelo tempo numerado da entrega de resultados. Esta formatação empresarial dos encontros acadêmicos constitui uma sofisticada tecnologia de captura do desejo: onde poderia haver a invenção de um comum pela conversa entre diferentes, instala-se a eficiência vazia da tarefa cumprida; onde poderia florescer a lentidão necessária à composição de afetos alegres, impõe-se a urgência da produtividade. A alegria, assim canalizada, permanece no campo dos afetos passivos, tornando-se satisfação reativa pela conclusão de etapas, mais uma face da tristeza distribuída que mantém o território estriado.

Tal cartografia das correntes afetivas revela a arquitetura estriada do território. Ela não nos interessa enquanto tal, mas apenas na medida em que nos permite cartografar as frentes oceânicas onde irrompem as máquinas de guerra. Não nos detemos na análise dos dispositivos de opressão – o racismo, o machismo, a lgbtfobia – que fundamentam as tábuas de segurança, mas perseguimos seus rastros inversos: os movimentos de ressurgência e turbulência que escapam a essas determinações. É justamente esta perspectiva que nos conduz à próxima seção, onde mapearemos as frentes oceânicas como zonas de encontro onde massas afetivas diferentes se chocam e se recombina. Se as correntes produzem um território estriado, como acabamos de demonstrar, importa-nos agora descrever as frentes onde a alegria circula como potência de encontro. Será nestas zonas de turbulência e ressurgência que localizaremos os processos de uma alegria que não se deixam canalizar, tema que desenvolveremos a seguir.

5.2 As frentes oceânicas e os turbilhões afetivos

Arrastados pelas correntes afetivas, bracejamos contra seu fluxo. Nossos braços cansam e, em algum momento, exaustos, seguimos estáticos, presos às mesmas rotas pré-estabelecidas. Mas acontece que de algum lugar, de dentro ou de fora, uma frente oceânica se forma, criando uma zona de turbulência por onde emergimos como um jato pressurizado de todos os lados, sendo lançados no espaço liso do oceano aberto. Essas frentes são o disparar das linhas de fuga, o movimento que leva o estrato a se desterritorializar em velocidade infinita. Estas ressurgências e turbulências constituem os disparadores do compartilhamento entre mundos. Em nossa cartografia, buscaremos marcar três configurações dessas frentes: a pergunta curiosa, a afirmação corajosa e a visita entre mundos.

A pergunta curiosa surge do espanto genuíno diante do outro, como no caso do estudante que, ao ver dois colegas se beijando no corredor, pergunta "o que está acontecendo aí?". Esta primeira interrogação funciona como uma ressurgência inicial que abre espaço para múltiplas outras perguntas subsequentes – "vocês podem fazer isso aqui?", "como foi descobrir isso?" – demonstrando como um único disparador pode desencadear uma série de explosões. Tais perguntas, frequentes em sala de aula, grupos de amigos, corredores e repúblicas, rompem a evitação calculada dos 45° e inauguram uma língua menor onde o estranhamento se torna potência de abertura. Estas perguntas curiosas podem muitas vezes ser incômodas, por revelar estereótipos do perguntador – como questionar se "na África tem internet" ou tocar em feridas de pessoas LGBTQ+ sem o devido cuidado –, no entanto, mesmo assim criam um fluxo de quebra das tábuas de segurança, uma vez que abrem espaço à gagueira como processo de recomposição dos encontros.

A afirmação corajosa, por sua vez, tem como disparador efetivo a manifestação de um dissenso que quebra tabus em um território considerado seguro. Na roda de oralitura, foi a fala essencialista do rapaz – ao negar a violência contra as mulheres – que rompeu a harmonia do espaço, criando uma zona de turbulência. Como ensina Foucault, "em toda sociedade a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada, e redistribuída por certo número de procedimentos" (2014, p.8), sendo o tabu um tipo de interdição que define o que não pode ser dito. A quebra deste tabu desestabilizou o território, inflamando os ânimos dos presentes diante da violação da interdição discursiva.

É importante marcar que, na situação descrita, o machismo se manifestou em um espaço de imunização potencial, e não de extermínio. Assim, a imunização se apresenta como possibilidade de transmutação dos agenciamentos politeístas, onde o rapaz, acometido pela patologia colonial da cosmofobia, encontra um espaço onde seu discurso pode ser enfrentado

por movimentos de navegação que mantêm o dissenso produtivo. Quijila *et. al.* traz um relato de um estudante brasileiro deste movimento de imunização, em que diz:

No meu primeiro contato com a Universidade, participei de uma palestra a qual o professor defendia a liberdade de gênero e alguém da plateia discordou do professor, porque defendia uma outra posição por questões religiosas. Essa palestra abriu o meu leque de percepção de que cada um deve viver a sua identidade e não se deixar levar pelo que a sociedade defende e sim se identificar pelas suas próprias concepções (2021, p.23)

Seguindo Deleuze e Guattari, "o devir não vai no sentido inverso, e não entramos num devir-Homem, uma vez que o homem se apresenta como uma forma de expressão dominante que pretende impor-se a toda a matéria, ao passo que mulher, animal e molécula têm sempre um componente de fuga que se furta à sua própria formalização" (Deleuze; Guattari, 1997, p.11), deste modo, uma afirmação corajosa (sendo, neste caso, coragem aquilo que vai contra a moral normativa que estabiliza o estrato) feita em um ambiente normativo, muito dificilmente leva a uma manutenção saudável do dissenso que arrasta o devir, mas dispara linhas de ódio que propõem o aniquilamento do corpo estranho.

Por fim, a visita opera como perambulação em outros territórios. Inclui tanto as visitas às repúblicas estudantis quanto arranjos improvisados como a formação de grupos de trabalho com "os que sobraram" ou com os que estão próximos, diferentes entre si por força da circunstância, intencional e por curiosidade, ou quaisquer contatos com outras tábuas territoriais. Como registrado em nossas cartas, estes momentos de compartilhamento territorial transformam hábitos naturalizados em objeto de conversa e roubo criativo. A visita leva à desestabilização das tábuas de segurança, criando brechas nas barreiras que separam os territórios identitários. Como assinalam Deleuze e Guattari,

Cada meio é vibratório, isto é, um bloco de espaço-tempo constituído pela repetição periódica do componente. Assim, o vivo tem um meio exterior que remete aos materiais, um meio interior que remete aos elementos componentes e substâncias compostas; um meio intermediário que remete às membranas e limites; um meio anexado que remete às fontes de energia e às percepções-ações. Cada meio é codificado, definindo-se um código pela repetição periódica; mas cada código é um estado perpétuo de transcodificação ou transdução. A transcodificação ou transdução é a maneira pela qual um meio serve de base para um outro ou, ao contrário, se estabelece sobre um outro, se dissipa ou se constitui no outro. Justamente, a noção de meio não é unitária: não é apenas o vivo que passa constantemente de um meio para o outro, são os meios que passam um no outro, essencialmente comunicantes. Os meios são abertos no caos, que os ameaça de esgotamento e de intrusão (Deleuze; Guattari, 2012b, p.124-125).

A tábua de segurança é precisamente um desses meios codificados, em contato com um meio anexado que força a desterritorialização: o código territorial de segurança e evitação é forçado a uma transcodificação em devir com o corpo estranho que, como uma intrusão do caos, ameaça sua coerência mas também abre sua potência de mudança. Os desdobramentos podem seguir duas vias: movimentos de naufrágio que levam à expulsão e restituição do código

territorial; ou movimentos de navegação que, através de perguntas curiosas e acolhimento, convertem o desconforto inicial em composição alegre. As tábuas de segurança, deste modo, ao serem rachadas pelas visitas territoriais, funcionam como tábuas de flutuação turbulenta. Assumem um elemento estranho em seu corpo imunizado, podendo ser tratadas não apenas como enclausuramento de alegria, mas como compartilhantes de práticas alegres¹¹. Deixam de ser apenas de segurança para se abrirem ao caos que desestabiliza os códigos repetitivos, convertendo-se em plataformas de flutuação turbulenta.

Estes três tipos de frentes oceânicas são simultâneos em sua natureza imanente: não seguem uma lógica sequencial, mas irrompem como zonas de turbulência e ressurgência que transformam o território estriado em múltiplos pontos ao mesmo tempo. Cabe ressaltar que cada frente oceânica carrega em si esta dupla possibilidade: reterritorializar-se nas formas prévias ou manter o dissenso como potência de criação, questão que desenvolveremos na próxima subseção ao analisar os movimentos de navegação e naufrágio que emergem dessas turbulências geradoras de vida.

5.3 Os Movimentos de navegação e naufrágio

As frentes oceânicas constituem zonas essenciais para a manutenção do ecossistema afetivo da Unilab, onde múltiplas forças se enfrentam em desestabilizações criativas. Nestes espaços de turbulência, cartografa-se os movimentos de navegação que ampliam a potência de agir através da alegria, próprios do Estudante-Navegante; e movimentos de naufrágio que restringem esta potência através da produção e instrumentalização da tristeza. As práticas de navegação buscam o ritmo dos movimentos nas turbulências oceânicas, provocando o movimento de desterritorialização, operadores éticos dos encontros, enquanto compete com ela os movimentos de naufrágio, próprios da existência naufraga, que pretende preservar os isolamentos de mundo a partir de sobrecodificações morais. Destes movimentos, destacamos: o humor e a ironia, a escuta e a interdição, as histórias de vida e a conversa estriada, os vínculos múltiplos e o isolamento em tábuas de segurança.

Enquanto força rizomática, o humor percorre as frentes oceânicas sustentando tensões em diferentes dimensões, como se a tristeza de um vínculo fosse apaziguada pela alegria de outros, em um movimento de flutuação de ânimo no encontro de dois afetos contrários (Spinoza, 2025, III, P17, Esc.). No caso do corredor, o riso estridente da amiga transformou o

¹¹ Ana Raquel da Silva Reginaldo (2025) percorre a forma como as práticas de amor entre mulheres negras podem construir comunidades afrocoletivas/afroafetivas de enfrentamento às opressões interseccionais, ajudando a evidenciar as potências curativas produzidas dentro dessas ilhas de proteção. Em um movimento de visita, tais práticas podem ser roubadas, servindo como fonte energética de outros agenciamentos.

espanto em curiosidade; na roda de oralitura, o humor sustentou o dissenso sem ruptura. Já a ironia moralista opera como mecanismo de interdição centralizador, mantendo a captura através da exclusão, como demonstram os risos de ataque no episódio da autodeclaração racial. Se a ironia põe exércitos em marcha, o humor é um encontro simpático. Esta simpatia do humor afasta as linhas de medo e vergonha do julgamento, produzindo o trânsito necessário para que a escuta disparadora do dissenso possa florescer. Quando as mulheres na roda de oralitura optaram por ouvir o discurso essencialista, estavam criando uma fronteira porosa entre mundos onde se coloca um posicionamento normativo no campo de afetações. O humor mantinha afastado o espectro da interdição discursiva que, em outros contextos, silenciava tentativas de esclarecimento através da interrupção sistemática.

O afastamento dos afetos de medo e vergonha permite o compartilhamento literário entre mundos. As histórias de vida, como a narrativa literária sobre medo familiar e primeiros beijos no caso do corredor, ou os relatos de violência de gênero na roda de oralitura, constituem o meio pelo qual se instaura, nas palavras de Deleuze, "uma zona de vizinhança. Ver com não importa o quê, sob a condição de criar meios literários para tal" (Deleuze, 1997, p.11). Essa contação de histórias permite a visita dos outros mundos sem que se saia do lugar físico, ela é também um campo que interage com as perguntas curiosas, é o próprio meio literário em ato no vivido que mantém a descentralização da máquina de guerra, em oposição à conversa estriada que reduz o diálogo à divisão burocrática de funções.

Cada um desses corpos e destes mundos em conversa não ocupa um único território, mas sustenta composições contraditórias, podendo percorrer o dissenso em um enquanto assegura o ódio em outras destas linhas. São os vínculos múltiplos, como os observados na roda de oralitura onde as afinidades compartilhadas permitiram o enfrentamento do machismo, que surgem como movimentos de navegação capazes de inibir essas linhas de ódio. As visitas entre repúblicas estudantis demonstram como essas conexões transversais criam redes afetivas que resistem ao isolamento em tábuas de segurança homogêneas.

A navegação, portanto, não busca harmonia, mas um ritmo capaz de sustentar a turbulência. É a arte de manter ativos os operadores éticos para que as frentes oceânicas não se fechem prematuramente pela reterritorialização das sobrecodificações morais. O naufrágio, por outro lado, é o triunfo momentâneo da ironia sobre o humor, da interdição sobre a escuta, do código sobre a história, é a restituição de um território moral que, por um instante, havia sido invadido pela coragem de perguntar, escutar e compartilhar. A existência navegante é imoralista, se veste de diversal e de Zaratustra. Utiliza os ventos turbulentos e desafia as correntes. É antes de tudo, alegre.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS(?)

Uma monografia de graduação é muitas vezes vista por olhos de naufrágio como um documento para ser catalogado, um requisito indesejado para a aquisição de um diploma, uma contribuição imatura que cairá no esquecimento logo que defendida. Nossa monografia, sentida por nosso corpo, no entanto, é antes um esforço curativo do escritor. É antes um grito de desespero de quem se viu com o pensamento imobilizado pelas linhas de tristeza que perpassam a academia. É antes ela própria disparadora de uma máquina de guerra alegre que procura conjurar os micropoderes que nos levam ao atrofiamento sobre tábuas carregadas pelas correntes. É ela própria um mapa de caminhos intempestivos, uma utopia da existência navegante que se alegra com a turbulência do oceano, que como o Dioniso de Nietzsche, dança no meio do caos, que como o Diversal de Nego Bispo, promove o compartilhamento entre os mundos, batendo o ritmo do politeísmo existencial.

Em nossa itinerância, vivemos. E vivendo, construímos nossa própria ciência menor e nossa própria língua menor, sempre sedenta por fazer fugir o que nos sufoca no mundo. Produzindo nossas cartografias, fazemos a ciência de uma tribo, inventamos um povo porvir. As cartografias são povoadas pelas linhas que atravessam nossos corpos, dizendo não de si, mas do que se passa entre nós. Nossa cartografia constrói a UNILAB como um campo de forças onde se cruzam tristezas e alegrias, revelando o território universitário como um campo de batalha. Mapeamos movimentos dinâmicos em um oceano, que encontra seus canais de estriamento nas correntes afetivas. Estas correntes carregam os corpos sobre as tábuas de segurança sobrecodificada, frequentemente abaladas pelas frentes oceânicas que vêm alimentar o ecossistema afetivo, jogando o mar em caos. Nessa turbulência das frentes, encontram-se as forças de convergência e as máquinas de guerra da alegria, que irrompem como potência de composição. É nesse plano que aparecem os movimentos de navegação, que procuram as composições com os outros mundos, e os naufrágios, caracterizados pela tentativa de reestabelecimento das compartimentações através do afogamento da alteridade.

Rebatizamos os conceitos deleuze-guattarianos com metáforas oceânicas – Oceano e Espaço Liso, Correntes Oceânicas e Espaço Estriado, Frentes Oceânicas e Linhas de Fuga, Navegância e Nomadismo, Naufrágio e Captura. Tais mudanças permitem o povoamento de nosso território da Unilab, sendo o Oceano o lugar de cruzamento entre os continentes, lugar de inúmeras mortes e inúmeras criações, espaço crucial à formação do sistema-mundo colonial e à constante criação de resistências.

Tais navegações e naufrágios no oceano são práticas éticas e morais que se atualizam através dos operadores cartografados: o humor que desarma a ironia moralista, a escuta do

dissenso que substitui a interdição, as histórias de vida que criam zonas de vizinhança e os vínculos múltiplos que sustentam a confiança para se arriscar no encontro com o diferente. No processo, notamos que estes operadores constituem a alegria espinosana – enquanto afeto que amplia a potência de agir – como uma prática ético-política concreta, constantemente atravessada por linhas de fuga e captura, tornando-os pontos de inflexão no próprio campo de forças.

O diagrama resultante não se apresenta como um mapa estático, mas como ferramenta viva de navegação. Segundo Deleuze e Guattari:

Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu. Um livro existe apenas pelo fora e no fora. Assim, sendo o próprio livro uma pequena máquina, que relação, por sua vez mensurável, esta máquina literária entretém com uma máquina de guerra, uma máquina de amor, uma máquina revolucionária etc. — e com uma máquina abstrata que as arrasta (Deleuze; Guattari, 1995, p. 11)

Portanto, este diagrama é um corpo afetante no mundo, que, diferentemente do livro imagem do mundo, não reproduz um funcionamento constante, mas é antes potência de afetação no próprio plano vivido.

Como cartografia, esta máquina, no mundo, não se fecha nem totaliza. Não está acabada nem se pretende A Verdade; é ela própria desterritorializada, existência nômade e navegante, escrita sempre à $n-1$. É inacabada como a vida, como um agenciamento-gagueira que necessita ser preenchido por novas intensidades das histórias de quem passa. A transformação radical acontece no plano de imanência – nos encontros que compõem alegrias, nas frestas onde novos possíveis irrompem. Em seus encontros, ela causará suspeita, indignação, discordância, concordância, se não pelo próprio corpo arquivado, pelas forças confluentes que vagam pelo mundo.

Esta investigação reconhece seus limites constitutivos: manteve-se no plano dos micromovimentos de convivência, cartografando os disparadores e inibidores das centralizações, sem perscrutar como essas máquinas de guerra moleculares perfuram os grandes aparatos estruturantes da sociedade. Da mesma forma, focou o presente, deixando em aberto a genealogia dos dispositivos de segregação que pesam sobre o território. Estes limites, contudo, não invalidam o processo: pelo contrário, desenham um programa por vir. Eles apontam para a necessidade de se investigar, com lente afetiva, a operação molecular do moralismo como freio à mobilização estudantil; a anatomia dos territórios seguros e as potências de composição que os habitam; e as conexões entre essas alegrias insurgentes e movimentos de resistência de maior amplitude. O que este trabalho reafirma, em sua

conclusão inacabada, é a potência da pesquisa afetiva na Unilab: é no registro dos corpos, dos encontros e das alegrias que se dança que se pode ouvir, com mais clareza, o ritmo de uma universidade por vir e traçar as linhas de fuga que furam o presente.

Esta pesquisa, portanto, não conclui, mas invoca. Abrimos um campo de possibilidades de alegrias dançantes, de máquinas de guerra que furam as correntes e existências que dançam sobre elas. Apostamos na prática contínua da navegação alegre como modo de existência e invenção do comum, nossos movimentos sempre dispostos a novas danças. A universidade por vir não é um projeto a ser implementado, mas o ritmo da alegria em ato, a composição sempre inacabada de um espaço liso. Esta cartografia, aqui se encerra, mas as marcas afetivas seguem nos corpos que a encontraram.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BISPO DOS SANTOS, Antonio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

BEAN, Jodi. Precisamos de camaradagem. Tradução de Victor Marques. **Jacobin Brasil**, 21 nov. 2019. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2019/11/precisamos-de-camaradas/>. Acesso em: 15 out. 2024.

CARVALHO, Michel Luís Tavares de. “**Pedagogia do armário**”: um estudo sobre a experiência dos estudantes LGBTQIA+ na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/Unilab. 2023. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais) – Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2023. Disponível em: <https://repositorio.Unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/3487>. Acesso em: 2 out. 2025.

COMITÊ INVISÍVEL. **Aos nossos amigos: crise e insurreição**. Tradução de Edições Antipáticas. São Paulo: N-1 Edições, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981)**. Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso; Francisca Evelene Barbosa de Castro; Hélio Rebello Cardoso Júnior; Jefferson Alves de Aquino. 3. ed. Fortaleza: EDUECE, 2009.

DELEUZE, Gilles. **Espinoza e os signos**. Tradução de Abílio Ferreira. Porto: Rés Editora, 1989.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol.1**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** v. 2. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** v. 3. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão, Aurélio Guerra Neto e Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** v. 4. Tradução de Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** v. 5. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012c.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010. (Coleção TRANS).

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica.** Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** 24. ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do saber.** Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

GOMES, Nilma Lino; VIEIRA, Sofia Lerche. Construindo uma ponte Brasil-África: a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Luso-Afrobrasileira (Unilab). **Revista Lusófona de Educação**, n. 24, p. 81-95, 2013.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo.** 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2024.

HAN, Byung-Chul. **Infocracia: digitalização e a crise da democracia.** 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.

MOURÃO, Daniele Ellery. **Entre Palmares e Liberdade:** reconfigurações identitárias de estudantes africanos na Unilab. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 30., 2016, João Pessoa, PB. Anais... João Pessoa, PB: ABA, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra.** Tradução de Eduardo Satlher Ruella. Barueri: Camelot, 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

QUIJILA, Abel Calombo et al. **Unilab10ANOS**: desafios e possibilidades no processo de implantação de uma universidade internacional com a África no interior do Ceará. In: MONTEIRO, Artemisa Odila Candé; LIMA, Ivan Costa (orgs.). **Unilab 10 anos: experiências, desafios e perspectivas de uma universidade internacional com a África e Timor-Leste no interior da Bahia e Ceará**. Fortaleza: Imprece, 2021. v. 1, p. 12-33. Disponível em:

<https://Unilab.edu.br/wp-content/uploads/2021/08/LIVRO-Unilab-10-ANOS-VOLUME-1-FINALIZADO-definitivo.pdf>. Acesso em: 2 out. 2025.

REGINALDO, Ana Raquel da Silva. **Permanência estudantil feminina negra na Unilab/CE**: desafios do afroafeto como uma agência política. In: CABANILLAS, Natalia (coord.). **Gêneros e feminismos na África Global**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2025. p. 65-89. (Coleção Ciências Sociais).

SILVA, Antonio Marcos de Sousa. **Memórias da diáspora**: relatos de racismo cotidiano na Unilab/CE e nas cidades de Redenção e Acarape. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 34., 2024, Belo Horizonte, MG. Anais... Belo Horizonte: Associação Brasileira de Antropologia, 2024. p. 469-477. Disponível em: https://www.abant.org.br/files/34rba_469_37737496_16.pdf. Acesso em: 2 out. 2025.

SILVA JUNIOR, Antônio Wilame Ferreira da. Redenção 2083: perspectivas espaciais, estéticas e especulativas do patrimônio simbólico e da memória negra no interior do Ceará. In: NUNES, Cícera (org.). **XIV Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra: anais**. Crato, CE: Universidade Regional do Cariri, 2023. p. 105-116.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. 2. ed. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2025.